

## Uma leitura decolonial de *Xicoténcatl* [1826; 2020]<sup>1</sup>

*A decolonial reading of Xicoténcatl [1826; 2020]*

Jorge Antonio Berndt\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE  
Cascavel, Paraná, Brasil

Leila Shaí Del Pozo González\*\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE  
Cascavel, Paraná, Brasil

Marcio da Silva Oliveira\*\*\*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná -UNIOESTE  
Cascavel, Paraná, Brasil

Weslei Roberto Candido\*\*\*\*

Universidade Estadual de Maringá -UEM  
Maringá, Paraná, Brasil

<sup>1</sup> Este estudo apresenta resultados discutidos nas seguintes pesquisas de dissertação: BERNDT, J. A. “O Colombo que nasceu na América: figurações do self made man na literatura estadunidense – o romantismo de J. F. Cooper em *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay* (1840)”, defendido em 2022; DEL POZO GONZÁLEZ, L. S. “Malinche no espelho das traduções de *Xicoténcatl* (1826): [1999 – 2013]”, defendido em 2017; e as teses em andamento, BERNDT, J. A. “Ressignificações do passado latino-americano frente à transmodernidade”; e DEL POZO GONZÁLEZ, L. S. “O Periquitinho Sarmiento (2023): uma tradução transcultural da obra de José Joaquín Fernández de Lizardi (1816) para o português brasileiro – reflexões sobre o primeiro romance latino-americano”. A dissertação de Berndt está disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6466>. A dissertação de Del Pozo González está disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3452>. Acesso em: 07 mar. 2023.

\* Aluno do Doutorado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, Brasil. Bolsista CAPES. Colaborador do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”. E-mail: [jorge.berndt@unioeste.br](mailto:jorge.berndt@unioeste.br).

\*\* Doutoranda do programa de pós-graduação em Letras da UNIOESTE/Cascavel-PR. Bolsista Capes. Professora colaboradora do curso de graduação em Letras, área de espanhol, na UNIOESTE, campus de Cascavel-PR. Colaboradora do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”, nas linhas de pesquisa b- Releituras da história pela ficção: estudos comparados; c- A tradução no espaço latino-americano: práticas tradutórias e sua importância, vinculado ao PELCA. Researcher ID: F-1106-2018. <http://orcid.org/0000-0002-2654-0414>. Participante do programa de extensão universitária PELCA - Programa de Ensino de Literatura e Cultura, da mesma casa de estudos. E-mail: [leilashai@hotmail.com](mailto:leilashai@hotmail.com).

\*\*\* Pós-doutorado do programa de pós-graduação em Letras da UNIOESTE/Cascavel-PR. Colaborador do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”. E-mail: [prof.marciooliveira2015@gmail.com](mailto:prof.marciooliveira2015@gmail.com).

\*\*\*\* Professor Doutor Associado do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá- Maringá, Paraná, Brasil. [wrcandido@uem.br](mailto:wrcandido@uem.br) – Programa de Pós-Graduação em Letras-PLA-UEM. E-mail: [weslei79@gmail.com](mailto:weslei79@gmail.com).

**Resumo:** Neste estudo, recorreremos à literatura comparada como ferramenta para cotejar brevemente o primeiro romance histórico latino-americano *Xicoténcatl* ([1826] 2020), diante do modelo instituído por Scott, em *Waverley* ([1914] 1985), e o romance de Cooper, *Mercedes of Castile* ([1840] 1856). O objetivo dessa ação é de visualizar as congruências e divergências entre as obras elencadas. Como resultado, obtemos, em *Xicoténcatl*, o claro teor ideológico crítico do contexto latino-americano de lutas pela independência do Império espanhol, trazendo mostras explícitas do seu potencial decolonial, difícil de se perfazer em outras obras inaugurais latino-americanas híbridas de história e ficção do século XIX. Recorreremos, para a fundamentação teórica, à perspectiva dos estudos decoloniais/descoloniais segundo Palermo (2010), Walsh (2010), Quijano (2005), Mignolo (2003), Lander (2000), Sommer (1993), entre outros. Outrossim, discorreremos sobre a opção decolonial como opção crítica instituída na nossa prática de pesquisadores tradutores que desejam auxiliar na desarticulação da colonialidade do saber (QUIJANO, 2005).

**Palavras-chave:** Primeiro romance histórico latino-americano *Xicoténcatl* (1826). Literatura comparada. Decolonialidade. Prática tradutória decolonial. Resignificações do passado.

**Abstract:** In this study, we used Comparative Literature as a tool to briefly compare the first Latin American historical novel, *Xicoténcatl* ([1826] 2020) to the model established by Scott in *Waverley* ([1914] 1985). The purpose of this action was to visualise the congruences and divergences established between the listed works. As a result, this research suggests that *Xicoténcatl* presents a clear critical ideological content, through the inclusion of the Latin American context of independence from the Spanish Empire. Such representation brings, as mentioned, clear examples of the decolonial potential, something rarely observed in other Latin American inaugural works hybrid of history and fiction. Regarding the theoretical scope, we make use of the perspective of the decolonial studies, according to Palermo (2010), Walsh (2010), Quijano (2005), Mignolo (2003), Lander (2000), Sommer (1993), and others. Furthermore, we discuss about the decolonial critical alternative instituted in a research practice that seeks the disarray of the coloniality of knowledge (QUIJANO, 2005).

**Keywords:** Coloniality. Decolonization. Decoloniality. Decolonial translation practice. Reframing of the past.

## INTRODUÇÃO

O primeiro romance histórico latino-americano foi escrito tendo como base os ideais iluministas que também estiveram presentes na produção literária do período romântico que manifesta projetos de nação nestas terras, sobretudo por conta do contexto da época: a luta pela independência dos territórios colonizados pelos europeus no continente. Desse modo, o teor ideológico contestatório do regime colonial em *Xicoténcatl* (1826) se faz evidente em todos os aspectos da obra. Daí a importância de conhecermos este romance transgressor do paradigma euro-“usa”-cêntrico (WALSH, 2010), cuja primeira tradução ao português conhecida foi publicada em 2020, por Gilmei Francisco Fleck, como resultado de artigos, comunicações acadêmicas, trabalhos de conclusão de curso e dissertação de mestrado, dentro do espaço de estudos do grupo de pesquisa RPA<sup>2</sup>, de que fazemos parte.

Neste estudo, alinhamos nossas análises a partir do que Zulma Palermo (2010) expõe sobre a opção decolonial como reflexão crítica para desarticular a colonialidade do saber (QUIJANO, 2005), em especial, tendo em vista nosso âmbito acadêmico. Assim, argumentamos que a obra anônima *Xicoténcatl* (1826), primeiro romance histórico latino-americano, apresenta-se como uma escritura de potencial decolonial, embora tenha sido escrita ainda na segunda década do século XIX.

Também analisamos a possibilidade de praticarmos um “pensamento outro”, no sentido de ocupar espaços de pensamento acadêmico com pesquisas que estão situadas na periferia-interior-sul (CERDEIRA; DEL POZO GONZÁLEZ, 2023, inédito), desde universidades periféricas, no interior do Brasil, no hemisfério sul, e para a comunidade acadêmica latino-americana à qual optamos por mostrar a possibilidade de manter uma postura pluriversal (PALERMO, 2010). Desse

<sup>2</sup> Neste estudo, faremos constantemente referência ao grupo de pesquisa “Resignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”, nas linhas de pesquisa b- Releituras da história pela ficção: estudos comparados; c- A tradução no espaço latino-americano: práticas tradutórias e sua importância, vinculado ao Programa de Ensino de Literatura e Cultura - PELCA, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, doravante RPA.

modo, pretendemos oferecer um aporte “outro” que discuta os estudos sobre a literatura e a tradução literária.

A análise tem seu fundamento com base nos estudos sobre decolonialidade/descolonialidade<sup>3</sup> do poder para discutir tanto as características do primeiro romance histórico latino-americano, quanto o que leva um grupo de pesquisa a desenvolver uma tradução de um texto que, no Brasil e em Portugal, não havia sido traduzido até 2020. Como resultado, tencionamos a importância de *Xicoténcatl* (1826) como paradigma que reforça a amostra da presença de ideias ex-cêntricas (HUTCHEON, 1991) que resiste à ideologia eurocêntrica do século XIX. Incluímos, igualmente, a discussão da tradução de obras parasitas (SANTIAGO, 2000) versus obras referenciais para a academia.

A fim de apresentar as proposições, segmentamos o artigo em três seções. Em “O romance histórico e a colonialidade”, abordamos a estabilização do gênero em tela, destacando como os parâmetros artísticos inaugurados por Walter Scott (1771-1832) foram manipulados por distintos escritores para auxiliar na construção discursiva de projetos nacionais de cunho colonial. Na sequência, em “O romance histórico latino-americano e a decolonialidade: *Xicoténcatl* um pensamento outro”, direcionamo-nos para o primeiro romance histórico latino-americano, com o objetivo de demonstrar a maneira pela qual o autor anônimo desconstruiu os paradigmas da modalidade clássica scottiana. Em 2020, recuperamos, na terceira seção, a primeira e única tradução de *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020) realizada ao português, no espaço do grupo de pesquisa RPA, propondo leituras possíveis a respeito de sua potencialidade como ferramenta de pensamento decolonial para América Latina.

## O ROMANCE HISTÓRICO E A COLONIALIDADE

A etiqueta semiológica romance histórico é polissêmica. Conforme Stevens (2010), enquanto determinados críticos negam a sua existência, outros apontam para a sua centralidade, cartografando os seus desdobramentos diacrônicos. Dentre os pensadores que se encaixam no último grupo, destacamos o filósofo húngaro Lukács ([1937] 2011), que foi, possivelmente, o primeiro a identificar, do seu ponto de vista, as raízes do que ele classificou de o gênero romance histórico em *Waverley* (1985), obra publicada por Sir Walter Scott, em 1814.

O mesmo fenômeno foi, na sequência de tal estudo seminal, abordado por outros pesquisadores, que trataram de atualizar a análise lukácsiana com relação às produções mais contemporâneas, além de efetuar outros agenciamentos epistemológicos. Nesse sentido, estudos como os de Fleck (2017), Del Pozo González (2017), Rohde (2017) e Klock (2021) têm aplicado uma terminologia distinta para se referir à linha estabelecida por Scott em *Waverley* (1985): a modalidade clássica scottiana do romance histórico, vocábulo que manusearemos doravante.

Com a concepção de modalidade, os autores referem-se a um conjunto de características ou estratégias composicionais, inicialmente criadas por Scott (1985), mas que passaram a ser usadas por outros romancistas. Por meio da reprodução da receita scottiana, esses autores buscaram, como aponta Mata Induráin (1995), fazer com a história das suas localidades aquilo que o escocês havia efetuado com a do Reino Unido: não apenas recontá-la, mas mitificá-la, engendrando, a partir dela, modelos de sociedade, sujeito (indivíduo, homem e mulher), comportamento e afins. Na medida em que tais recursos podem ser, em nossa ótica, mapeados e analisados, procuramos agregar ao

---

<sup>3</sup> Os vocábulos são polissêmicos quanto ao uso. Em “Prefácio”, Mignolo (2014) indica que importa menos a queda ou manutenção do “s” do que o objeto a que estamos nos referindo: o desprendimento do padrão colonial de poder, isto é, a colonialidade do poder. Mais informações a respeito dos conceitos de decolonialidade e decolonialidade são abordados no artigo “Tradução e decolonialidade na América Latina”, de Fleck.

conjunto de artifícios elencados pelos teóricos do RPA um elemento adicional: a cosmovisão especificamente colonial do discurso que atravessa essa modalidade iniciadora.

Com vistas a comprovar o argumento exposto, interpelamos, sucintamente, a disposição das diegeses de *Waverley* (SCOTT, [1914] 1985) e *Mercedes of Castile* (COOPER, [1840] 1856). Na obra mencionada tanto por Lukács (2011) quanto por Fleck (2017), Scott (1985) inclui como matéria principal os acontecimentos que envolvem o trio amoroso formado por Edward Waverley, Rose e Flora. Como contexto para essa relação repleta de complicações, o escritor agrega aquilo que Márquez Rodríguez (1991) denomina de um pano de fundo histórico, contendo alguns dos episódios do Levante Jacobita (1745-6). Em seu relato, acompanha-se Waverley, que é enviado pelo exército britânico para a Escócia, com o propósito de auxiliar na supressão da revolta dos apoiadores da velha dinastia Stuart.

Embora tenha que se casar com Rose Bradwardine, figura que se adequa aos moldes definidos pela alta sociedade inglesa, o herói se apaixona por Rose Mac-Ivor, uma apoiadora da restauração. O impasse amoroso é resolvido com o distanciamento ou morte figurativa da escocesa, em razão de, simbolicamente, Flora representar, ademais dos valores historicamente reacionários dos Stuart, uma mulher idealista considerada pouco prática, repleta de paixões e caracterizada por sua beleza exótica (celta). Assim, privilegia-se o modelo matrimonial ideal para a sociedade britânica, mediante uma configuração textual híbrida de história e ficção.

Tomando somente os actantes principais, observamos que eles são claramente divididos pelo autor em dois conjuntos. No primeiro, encontra-se Rose, condensando os atributos morais, religiosos, raciais e reacionários do passado. No segundo, acha-se Waverley e Flora, que compreendem o protótipo progressista a ser adotado. Como se pode observar, essa modalidade clássica scottiana do romance histórico, que prontamente teve a sua fórmula replicada por romancistas de outros espaços, não deixou, então, de projetar os parâmetros dicotômicos presentes em suas fontes históricas. Podemos expressar essa tendência por intermédio do quadro adaptado de Dekker (1986), que sumariza parte considerável dos conceitos constituintes da estrutura dualista mencionada:

**Quadro 1** — Estrutura dicotômica das forças históricas na modalidade clássica scottiana do romance histórico

<b>Forças reacionárias</b>	<b>Forças progressistas</b>
Barbárie	Civilização
Natural	Artificial
Espontâneo	
Graças naturais	
Liberdade	Ordem
Selvagem	Fronteiras
Poesia	Prosa
Mistério	Razão
Individualidade	Coletivo
Sublimidade	Correção

Fonte: adaptado de Dekker (1986).

Ao modo hegeliano, são incluídas duas instâncias modeladoras: de um lado, a tese e, de outro, a antítese. No caso das diegeses que seguem a vertente da modalidade clássica scottiana, a tese é sempre composta pelos valores das personagens perdedoras (subjugadas ou colonizadas), que são efabuladas segundo uma tipologia mais próxima da natureza e da inocência, sob a categoria reacionária. Sobreleva-se, nesse discurso, a concepção da barbárie e do atraso com relação a uma suposta preeminência da civilidade defendida pela força oposta. Essa, em contrapartida, é formada

pelos valores dos vencedores tanto da história oficializada quanto da diegese. Dessa maneira, são ressaltados os pretensos princípios da razão, dos bons costumes e da civilização.

Como se pode deduzir, por meio da meticulosa rearticulação da história produzida pelos imitadores de Scott (1985), a diegese busca justificar determinados processos de exclusão e dominação do passado nacional, com uma estrutura binária e mecanicista, que, frequentemente, projeta consigo as noções de mal (forças retrógradas) e bem (forças progressistas). Em tal lógica, o outro é silenciado em sua alteridade sob o signo da maldade e da selvageria, em favor de um suposto avanço em direção ao conhecimento. Citando Lander (2000, p. 19), constatamos, no entanto, que “*de este espíritu universal [deste conhecimento] no participan igualmente todos los pueblos*”<sup>4</sup>, mas tão somente os selecionados.

Tal retórica conservadora e de cunho reacionário também está presente na construção de *Mercedes of Castile* (COOPER, 1856), que abordamos brevemente, com o intuito de exemplificar tal questão. Nesse romance histórico, integrante da modalidade clássica scottiana, a materialidade histórica que compõe o nível infradieгético é formada pela consolidação do estado espanhol, com o matrimônio dos consortes hispânicos e a expulsão dos mouros da península ibérica, bem como o denominado descobrimento da América por Cristóvão Colombo. No nível superdieгético, os leitores seguem a rede de peripécias tecidas pelas ações do trio amoroso de Luis de Bobadilla, Mercedes de Valverde e Ozema.

Em resumo, Luis, um jovem e nobre espanhol, almeja casar-se com Mercedes, uma protegida da rainha e de sua aliada Beatriz. Em razão do caráter arrojado, mas impreciso do herói, as protetoras decidem testá-lo, para verificar sua resiliência e ética. Assim, o actante encontra Cristóvão Colombo, com quem embarca na primeira viagem rumo à América. No continente, ele conhece uma princesa indígena, Ozema, por quem se apaixona, e a leva para a Espanha.

Na volta, estabelece-se um conflito entre as três figuras principais. A confusão que se segue leva à interferência de Colombo, que explica a situação, e da própria rainha Isabel. Ao fim, catequizam a caribenha em Barcelona e a levam para assistir ao matrimônio de Luis e Mercedes, que havia sido concedido, após o sucesso da jornada ocidental. As consequências desse último ato podem ser contempladas no trecho que se segue:

*Bewildered with the confusion of ideas that had grown up between the dogmas that had been crowded on her mind, of late, and those in which she had been early taught, and physically paralyzed by the certainty that her last hope of a union with Luis was gone, the spirit of the Indian girl had deserted its beautiful tenement, leaving on the countenance of the corpse a lovely impression of the emotions that had prevailed during the last moments of its earthly residence. Thus fled the first of those souls that great discovery was to rescue from the perdition of the heathen*<sup>5</sup>. (COOPER, 1856, p. 524-5).

Na mente de Ozema, entram em conflito os seus costumes americanos, classificados como pagãos e poligâmicos, e os dogmas recentemente introduzidos por Luis e pelo padre, cristãos e “monogâmicos”. Também se assoma a tal cenário a impossibilidade de se casar com o castelhano, ainda que implore perante os dois (noivo e noiva) em frente a todos, na igreja. Em decorrência, a voz enunciativa, que se apresenta como hétero-extradieгética, indica, no excerto, que a nativa falece, precisamente por ser impossível absorver tal mescla cultural e, por extensão, estabelecer uma mestiçagem de seres e saberes. Dessa maneira, todos os obstáculos para a união do casal modelo para tal sociedade são retirados de cena.

<sup>4</sup> Nossa tradução: desse espírito universal [deste conhecimento] não participam igualmente todos os povos. (LANDER, 2000, p. 19).

<sup>5</sup> Tradução de Berndt (2022a): aturdida pela confusão de ideias que tinham crescido em si entre os dogmas que tinham populado a sua mente e aqueles, mais tardios, que lhe foram há pouco ensinados; e fisicamente paralisada pela certeza de que a sua última esperança de uma união com Luis se fora, o espírito da jovem índia desertou a sua bela construção, deixando no semblante do corpo uma amável impressão das emoções que prevaleceram durante os últimos momentos da sua residência terrestre. Assim deixou a primeira daquelas almas que o grande descobrimento salvou da perdição dos hereges. (COOPER, 1856, p. 524-5).

A trajetória dos três actantes deixa claro o projeto cooperiano, que se inspira no de Scott (1985; 1994) em número e grau. Ao apartar de maneira dramática os actantes com base nos dois polos mencionados no quadro 1 (forças reacionárias e progressistas), o escritor novaiorquino, conforme problematiza Sommer (1993), assenta os elementos que a elite espiritual nacional deveria herdar: o endurecimento da mentalidade e da intelectualidade estadunidense com respeito às questões de mistura racial/étnica, fazendo da obra uma sorte de “*America’s gymnasium of the heart*” (SOMMER, 1993, p. 54), isto é, uma forma de doutrinação da classe dominante branca.

Tal exclusão do actante estrangeiro/estranho no caso exemplificado implica, portanto, uma construção centrada em uma compreensão monotópica, que, tomando as palavras de Lander (2000, p. 23) sobre o eurocentrismo, “[...] *piensa y organiza a la totalidad del tiempo y del espacio, a toda la humanidad, a partir de su propia experiencia, colocando su especificidad histórico-cultural como patrón de referencia superior y universal*”<sup>7</sup>. Em outras palavras, essa diegese cooperiana, que reproduz a receita scottiana, organiza os espaços, os tempos e as pessoas (actantes) a partir de uma lógica única: a do conquistador, eliminando, em decorrência, a voz dos tainos, por exemplo.

Com efeito, podemos concluir que as escrituras fundadoras do gênero romance histórico clássico estiveram pautadas em um discurso majoritariamente colonialista, seja por renarrativizarem a história oficializada ou por utilizarem tais constructos discursivos com o objetivo de edificar projetos nacionais. Não obstante, a despeito de as obras da modalidade clássica scottiana terem, segundo Alonso (1942), dominado o cenário literário europeu e ocidental da primeira metade do século XIX, sob essa ótica monotópica da modernidade, houve uma obra que tratou de contrapor o jugo colonial e apresentar possibilidades outras para os eventos cristalizados pelas perspectivas dos vencedores: *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020).

## **O ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO E A DECOLONIALIDADE: XICOTÉNCATL UM PENSAMENTO OUTRO**

Na seção anterior, apontamos para o estabelecimento da modalidade clássica scottiana do romance histórico. Destacamos a maneira pela qual as escolhas das estratégias escriturais e dos recursos narrativos foram realizadas com o propósito de consolidar, por vias híbridas de história e ficção, projetos de celebração da história romântica ufanista eurocêntrica. Agregamos que, por intermédio do enaltecimento de personalidades e acontecimentos do passado, buscou-se projetar modelos de ação para o presente, durante esse período do romantismo. Com base em investigações de ordem diacrônica (ALONSO, 1942; FLECK, 2017), apontamos que a receita scottiana de escritura do romance histórico espalhou-se pela Europa e pela América, auxiliando na justificativa de formulações coloniais.

A seguir, propomos uma breve comparação entre o modelo de Scott (1985; 1994) e o primeiro romance histórico latino-americano, com vistas a explicitar a potencialidade em *Xicoténcatl* (1826) em desmontar os paradigmas coloniais firmados na modalidade scottiana.

Desde o plano comparativo, com respeito ao modelo scottiano, o pai do romance histórico (LUKÁCS, [1936-7] 2011) utilizou, nos títulos das suas obras, os nomes dos heróis selecionados para suas narrativas. As configurações dessas figuras centrais foram planejadas para representar o homem médio da época em que é situado o contexto da diegese, diferente dos heróis do movimento romântico. A preocupação de Scott era de apresentar ao seu leitor, contemporâneo das guerras napoleônicas, personagens que agem diante das circunstâncias históricas concretas, que

<sup>6</sup> Nossa tradução: Ginásio/liceu estadunidense do coração. (SOMMER, 1993, p. 54).

<sup>7</sup> Nossa tradução: [uma construção eurocêntrica, que] pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como padrão de referência superior e universal. (LANDER, 2000, p. 23).

lutam contra um inimigo comum, para assim projetar nas narrativas o perigo iminente napoleônico que os ameaçava. As obras de Scott, de acordo com Lukács (2011), são fortemente propagandísticas com o intuito de criar exércitos de massa. Desse modo, as criações de Scott auxiliam no processo de formação dos grandes movimentos nacionalistas contra as conquistas de *Le petit caporal* e seu famoso exército em todo o território europeu.

Para esse efeito, o autor escocês se utiliza de dois planos narrativos: um puramente ficcional, onde são relatadas as adversidades pelas quais passa o seu herói, que ao mesmo tempo deve operar a favor dos acontecimentos registrados pela história tradicional. As atitudes tomadas pelo herói mediano scottiano são exemplos que o autor apresenta como espelhamento de como o homem comum das massas, do século XIX no contexto europeu, deve agir diante de um possível ataque inimigo. No segundo plano, Scott adiciona a contextualização histórica em que seu herói se move. No entanto, a eleição do recorte histórico não se dá ao acaso, “era feita muito mais para gerar empatia com o público leitor – que deveria de reconhecer claramente esse passado de sua nação e identificar-se com os conflitos aí apresentados [...]” (FLECK, 2017, p. 41). Em confluência, podemos afirmar também, nas palavras de Bernd e Fleck (2022, p. 24), que “a organicidade existente entre os dois planos diegéticos transforma-se no motor narrativo e, conseqüentemente, na fonte das imagens projetadas ao leitor, na recepção.” Portanto, para contribuir com o propósito didático, ao utilizar o plano histórico como pano de fundo, o autor em momento algum cogita criticar, contradizer ou apresentar outra visão à registrada pela história hegemônica.

A narrativa da obra anônima *Xicoténcatl* (1826), por outro lado, já desde o título contribui com a quebra de paradigmas da época, pois utiliza o nome de um indígena da história da dominação, dos territórios conhecidos hoje por México, pelos espanhóis, que a historiografia do enfoque tradicional considerou como um traidor à causa da dominação do império espanhol levada a cabo por Hernán Cortés. Aliás, diferente das obras scottianas, a narrativa anônima apresenta um único plano narrativo no qual todas as personagens<sup>8</sup> são de extração histórica<sup>9</sup> (TROUCHE, 2006), escolhidas para reconstruir nosso passado, apresentando outra possibilidade do que pode ter acontecido. Aqui percebemos, também, a diferença entre Scott e o autor anônimo, pois, em *Xicoténcatl* (1826), ocorre um uso e abuso de citações diretas tomadas dos registros oficiais, tais como a *Historia de la conquista de México*, escrito por Antonio de Solís y Rivadeneyra no século XVII, “proponiéndose como interesante anticipación del discurso poscolonial, del cual Hispanoamérica por las peculiaridades de su Historia parecería haberse autoexcluido”<sup>10</sup> (GRILLO, 2004, p. 109). O autor anônimo, desse modo, garante que o leitor tenha à mão a referência da história oficial, por outro lado, apodera-se desse discurso para apresentar outro viés chegando a negar o que os registros da escrita oficial da história narraram (DEL POZO GONZÁLEZ, 2017) e de trazer uma contestação nessa intertextualidade utilizada.

Voltando aos heróis em *Xicoténcatl* (1826), seus atos na diegese anônima, ao modo didático, colaboram como base para a formação dos ideais das futuras jovens repúblicas americanas. Sendo assim, observamos nelas arquétipos ideais de comportamento projetados para o discernimento do

<sup>8</sup> As personagens na narrativa são de extração histórica. São dois grupos antagônicos liderados por Xicoténcatl (os designados como heróis: Teutila; Xicoténcatl, pai; Diego de Ordaz) e por Cortés (os vilões: Frei Bartolomé; Magiscatzin; doña Marina, nome espanhol da Malinche). Ambos os grupos apresentam representantes indígenas e europeus, respectivamente. Dados os limites espaciais do presente artigo, optamos por não detalhar tal disposição. No entanto, a personagem Teutila é a única que não é de extração histórica, mas sim metonímica, configurada para ser representante das mulheres nativas que lutaram contra o regime imperial espanhol. Para mais informações, sugerimos a leitura da dissertação “Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]”, nas referências.

<sup>9</sup> De acordo com Trouche (2006, p. 44), o termo “narrativa de extração histórica” é utilizado para referenciar o “conjunto de narrativas que encetam o diálogo com a história, como forma de produção de saber e como intervenção transgressora [...]”. A partir desta citação, transportamos o termo “extração histórica” para referenciar as personagens elaboradas dentro da ficção, mas com base histórica.

<sup>10</sup> Nossa tradução: perfilando-se como interessante antecipação do discurso pós-colonial, da qual a Hispano-américa, pelas suas características históricas, aparenta ter-se autoexcluído.

leitor do século XIX, do contexto das guerras pela independência dos territórios reclamados como colônias pelo império espanhol. Portanto, entendemos o porquê das configurações de Hernán Cortés como o vilão, evidenciando todas as falhas dos conquistadores, representante tanto da força militar quanto da retórica com as quais o poder colonial se instaurou em nossas terras (DORADO MÉNDEZ; FLECK, 2022). Por outro lado, o herói é Xicoténcatl que, filho, enaltecido e elevado a herói clássico pelo discurso do romance (DEL POZO GONZÁLEZ, 2017), torna-se representante e voz do melhor do mundo indígena, exemplo ao qual as futuras nações devem se remeter como ideal de comportamento, ética, valores e ações pró-independentes. Entendemos que o autor anônimo achou necessário estabelecer esse aspecto, pois “As colônias, ou ex-colônias seguiam, pois, atreladas aos ditames europeus, dependentes da “voz autorizada” para julgar a “qualidade” da arte literária [...]” (FLECK, 2020, p. 44). Portanto, percebemos que, para contribuir à estratégia do escritor, era crucial que o narrador guiasse seus leitores apresentando diante deles uma leitura crítica da história tradicional. Nesse quesito, o autor anônimo também quis utilizar sua narrativa como propaganda a favor dos ideários pró-independentes contra o império espanhol.

Outro exemplo dessa postura do narrador é confirmado no início da leitura, com as seguintes palavras: “O mundo já tinha presenciado incursões de bárbaros semisselvagens que, abandonando seus covis e seu ingrato país, apossaram-se de regiões de climas mais benéficos, destruindo aqueles que aí habitavam desde a antiguidade [...]” (ANÔNIMO, 2020, p. 99). Chamam a atenção, nesse trecho, os seguintes vocábulos: incursões (ataques), bárbaros (o império espanhol), semisselvagens (duvida-se da etiqueta auto instaurada de civilidade), covis<sup>11</sup> (não apenas toca, mas habitação rústica e pobre, casebre, choça; lembra, ironicamente, as descrições com tom de assombro que o próprio Hernán Cortés, maravilhado, faz das construções da cidade de Tenochtitlan) e ingrato país (Espanha). Foram esses os termos escolhidos para desmistificar o discurso glorificador da “conquista” pelos espanhóis dos territórios americanos. É um claro revide ao discurso que assujeitou o vencido ao vencedor, este que se ufana, nos registros oficiais, interpelar quem é bárbaro, quem é civilizado. Destarte, a narrativa ufanista colonial do império espanhol é duramente questionada e reduzida aos próprios termos em que, tradicionalmente, a escrita euro-falo-cêntrica descreve os povos originários subjugados na América e em outros continentes.

Por último, com respeito à reprodução do modelo de triângulo amoroso scottiano, em *Xicoténcatl* (1826), podemos observar a possibilidade de vários núcleos românticos<sup>12</sup>. Esses não apenas evidenciam os casais principais Teutila-Xicoténcatl; Cortés-Malinche, mas também o contrário, nos triângulos<sup>13</sup>: Malinche-Ordaz-Teutila; Cortés-Xicoténcatl-Malinche; Cortés-Teutila-Xicoténcatl; Malinche-Cortés-Teutila. No entanto, podemos verificar a grande diferença com respeito ao arquétipo de Scott. O autor anônimo estabelece a tese na qual os heróis máximos, Xicoténcatl e Teutila, precisam morrer para que se siga a linha do tempo histórica, já que o mundo indígena, fatalmente, termina com a chegada dos europeus. Cortés sobrevive, pois, a linha do tempo histórica dos registros oficiais é respeitada. Por outro lado, possibilita a imagem simbólica de Malinche como mãe do primeiro mestiço. Esse último ponto levantado é importante, pois, desse modo, a narrativa expõe “o nascimento de uma nova nação na miscigenação das culturas americana e europeia” (DEL POZO GONZÁLEZ, 2017, p. 156), justificando a nação mexicana do século XIX como a nação que liderará o processo de independência no continente, tal como propõe a leitura de Forero Quintero (2012).

Como se pode observar, o autor da narrativa anônima não segue o paradigma scottiano, mas se utiliza de certos elementos, modificando-os em alguns momentos e em outros não. Dessa maneira, figura-se uma desarticulação crítica dos próprios registros elaborados pelo regime colonial.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/covil/>. Acesso em: 19 mar. 2023.

<sup>12</sup> De acordo com Mitchell (2012), todas as relações amorosas são fictícias para dar sentido à trama do romance.

<sup>13</sup> Sugerimos a leitura de Aguiar (2014) e Del Pozo González (2017) para aprofundar mais sobre este tópico.

Entendemos que, pelo dito anteriormente, o paradigma da modalidade clássica sofreu, na diegese em *Xicoténcatl* (1826), um processo antropofágico, ao modo do apresentado por Santiago (2000). Se a antropofagia<sup>14</sup> é um conceito que lembra os rituais em que a carne humana é devorada, não podemos esquecer que se tratava de uma cerimônia em que se prezava pelo melhor que tinha o ser sacrificado. As práticas canibalistas entre os autóctones americanos visava absorver simbolicamente o poder que estava dentro de cada parte do corpo sacrificado. Logo, comer a língua poderia simbolizar, a título de exemplo, a admirável oratória daquele ser; provavelmente, a força poderia estar simbolizada nos braços, e assim por diante. Não era devorada qualquer parte: obedecia-se a um propósito ritualístico. Assim, a discussão sobre antropofagia, retomada por Santiago (2000) em seu texto crítico, remete a essa prática simbólica americana, em que nem tudo é aproveitado, mas o melhor, sendo o resto descartado. Com o simbolismo dessa ritualização, espera-se demonstrar que o autor latino-americano absorve apenas aquilo que lhe parece importante e, a partir disso, cria uma nova forma. Podemos afirmar que o autor anônimo não escreve uma simples imitação ou tenta produzir a narrativa sob o paradigma scottiano, mas utiliza o que era mais interessante para a elaboração de sua tese. Isso resultou no germe das narrativas latino-americanas críticas/desconstrucionistas (FLECK, 2017), que seriam publicadas, segundo as investigações efetuadas até o momento, somente um século depois.

A seguir, apresentamos questões sobre o aparecimento do romance na América Latina, com ênfase na importância da tradução de obras que seguem o paradigma euro- “usa”-cêntrico (WALSH, 2010) para, em seguida, apresentar o projeto do grupo de pesquisa arrolado e as motivações para nossos estudos, sob a perspectiva decolonial, como reflexão crítica para desarticular a colonialidade do poder e pôr em prática um pensamento “outro” no espaço acadêmico.

## A TRADUÇÃO DE XICOTÉNCATL

Na seção anterior, tensionamos as diegeses de uma obra integrante da modalidade clássica scottiana do romance histórico (FLECK, 2017) e de *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020). Nas páginas subsequentes, apresentamos aspectos do percurso do romance histórico, com ênfase tanto no período que se sucedeu à publicação do primeiro romance histórico latino-americano quanto ao fato de não ter sido produzida nenhuma tradução conhecida em português desde sua publicação. Após esse panorama breve, voltamo-nos ao projeto tradutório realizado no século XXI pelo grupo de pesquisa RPA, para refletir sobre a potencialidade da obra como uma ferramenta de pensamento decolonial.

A trajetória de escrita de romances na América Latina está ligada ao processo antropofágico (SANTIAGO, 2000) e à procura pela própria expressão americana (LEZAMA LIMA, [1957], 1993). Acreditamos que esse movimento começou cedo, já com o Inca Garcilaso de la Vega (1539 - 1616), no seu livro *Comentarios reales de los Incas* (1609), pois este escritor mestiço, preocupado com o modo como a história americana estava sendo registrada pelos europeus do seu tempo, começa a entender a necessidade de interpretar/traduzir para a coroa espanhola, registrando por escrito, na língua europeia da metrópole, a realidade americana, trazendo olhares sobre o mundo indígena que só alguém educado nas duas culturas poderia fazer. Sem ter ciência do que hoje conhecemos como línguas coloniais (MIGNOLO, 2003, p. 22), na sua prática de explicar na língua castelhana o mundo indígena, Garcilaso estava ciente da carga linguística que expressava a escrita dos europeus

---

<sup>14</sup> Sugerimos a leitura de GASPAROTTO, Bernardo Antonio. Escritas antropofágicas na América latina: releituras da história pela ficção. 2017. 295 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel. Disponível em: [https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3497/5/Bernardo\\_Gasparotto2017.pdf](https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/3497/5/Bernardo_Gasparotto2017.pdf). Acesso em: 21 mar. 2023.

que descreveram/registraram desde seu olhar euro-falo-cêntrico, línguas coloniais “responsáveis por consagrar determinado projeto moderno circunscrito a um determinado campo de poder, escamoteando, ao mesmo tempo, todas as manifestações linguísticas que não pudessem atender a determinado imaginário de um pretensão conhecimento” (CERDEIRA, DEL POZO GONZÁLEZ, FLECK, 2021, p. 2). Desse modo, mesmo ainda sem essa carga crítica do *status quo* do momento, ao longo da história latino-americana, com esse autor já se constata aquele “movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo”, do qual Silviano Santiago (2000, p. 18) preconiza.

Esse panorama acrítico muda na primeira década do século XIX, momento em que se inaugura a produção romanesca na América Latina, com *El Periquillo Sarniento* (1816), de José Joaquín Fernández de Lizardi, primeiro romance latino-americano, e *Xicoténcatl* (1826), de autor anônimo, o primeiro romance histórico latino-americano. Contudo, se situarmos comparativamente a produção romanesca brasileira, existe um lapso de tempo com respeito à América hispânica, pois as primeiras tentativas deram-se a partir dos romances *Um roubo na Pavuna* (1843), primeiro romance histórico brasileiro, de Azambuja Suzano, e um mês depois, *O filho do pescador* (1843), de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, ambas as obras publicadas pela Tipografia Imparcial de Francisco de Paula Brito e, no ano seguinte, *A moreninha* (1844), de Joaquim Manuel Macedo, publicada pela Tipografia Francesa. Este último romance é “tradicionalmente” aclamado como o primeiro romance brasileiro. No entanto, só após a segunda metade do século XIX que a produção romanesca se consolida e prolifera neste país.

Del Pozo González (2023, inédito) mostra uma rápida exposição de como começou a produção literária no Brasil, no século XIX. Na sua pesquisa de revisão bibliográfica, ela discorre sobre como a tradução literária no país está atrelada à preferência de obras europeias em voga no momento. Essas foram traduzidas, inclusive, pelos que se tornariam, mais tarde, os futuros escritores brasileiros, tais como o próprio Machado de Assis, cujas produções secundam o paradigma euro-falo-cêntrico. Del Pozo González (2023, p.100, inédito) menciona, ainda, que a produção literária latino-americana, tanto na política quanto na economia, a partir daquele século, pugna por sair do vínculo peninsular e se dispõe à “absorção dos modelos franceses e ingleses por meio de traduções francesas, incluindo o modelo de Scott.”. Em outras palavras, preferiu-se e se seguiu, nas traduções e depois nas produções, o “modelo milenar de dominação em que a cultura do colonizador se sobrepõe à do colonizado.” (WYLER, 2003, p. 57). Logo, no processo de escolha da obra a ser traduzida, o modelo romanesco francês será o preferido, como também atesta Wyler (2003) e Godoi (2014).

A pesquisa de Silva (2009) aponta que houve uma tentativa de se escrever seguindo o modelo inglês, com Teixeira quando este publica seu romance, *O filho do pescador* (1843), utilizando um tom trágico, catastrófico e sombrio, mas interessante e “mais original e nacional” do que o romance macediano (SILVA, 2009, p. 150). No entanto, mesmo tendo sido publicado em 1843, o livro de Teixeira não é bem recepcionado pela crítica do século XX, que prefere considerar *A moreninha* (1844), de Macedo, como o legítimo iniciador do gênero, modelo a ser seguido, pela trama que discorre sobre a sociedade fluminense, alegre, despreocupada. Enfim, não é possível observar, naquele momento, produções críticas brasileiras que possam ser comparadas a *El Periquillo Sarniento* (1816) ou *Xicoténcatl* (1826).

Não surgiram escrituras consideradas “críticas” até o século seguinte. No Brasil, durante o restante do século XIX, romances considerados por alguns como históricos, tais como *O Guarani* (ALENCAR, 1857), promoveram, assim como os outros apresentados, uma leitura de celebração das convicções eurocêntricas e de consolidação de programas nacionais elitizados. Além de obras em tal linha, podemos aludir à emergência das tendências do ultrarromantismo e, posteriormente, do simbolismo, ambos de caráter poético, e do realismo. Logo, no que se refere ao romance histórico, foram as traduções das produções europeias e não as escrituras nacionais que

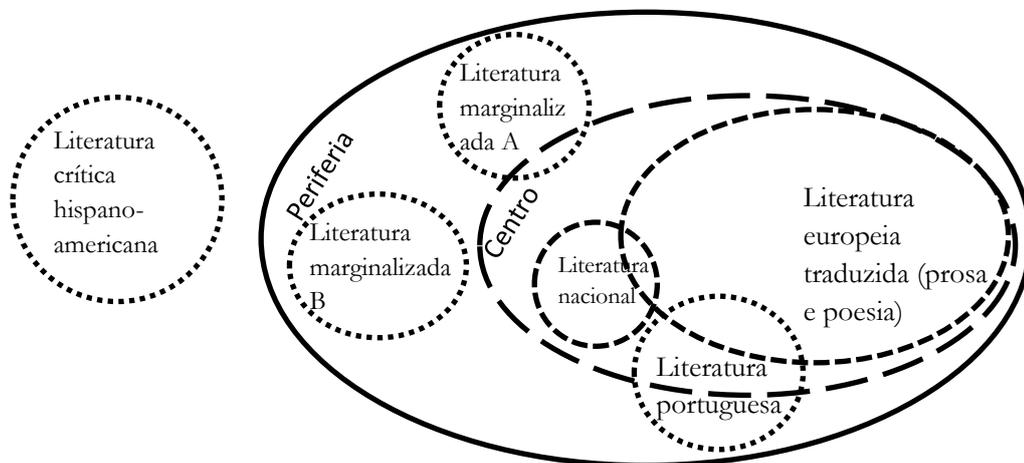
desempenharam uma função primária (EVEN-ZOHAR, 1990), ou ainda canônica, no nosso polissistema.

Para aclarar essa aplicação da acepção do pensador judeu, façamos um breve parêntese. O conceito advém do texto *Polysystem Theory* (EVEN-ZOHAR, 1990), no qual o autor apresenta o polissistema e sua organização hierárquica. Embora a palavra pareça, *a priori*, apenas uma convenção terminológica, “*Its purpose is to make explicit the conception of a system as dynamic and heterogeneous in opposition to the synchronistic approach [...] It thus emphasizes the multiplicity of intersections and hence the greater complexity of structuredness involved*”<sup>15</sup> (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 12). Em outras palavras, com essa ferramenta conceitual, torna-se possível dispor lado a lado tendências dinâmicas dos distintos sistemas literários canônicos e não canônicos de um determinado espaço, bem como outros sistemas considerados por uma sociedade como não literários, por exemplo.

Even-Zohar (1990) ainda propõe, com base nessas considerações, que as literaturas jovens, geralmente periféricas, tardam em amadurecer. Uma forma de desenvolvimento existente é a introdução de novos paradigmas literários, das literaturas centrais, por meio da tradução. Assim, as novas formas passam, para ele, a ser reproduzidas e absorvidas, caracterizando-se essas literaturas jovens como mais desenvolvidas. É assim que o folhetim francês e, em seguida, as traduções das obras francesas, inglesas e alemãs ao português ingressaram no território e exerceram um domínio quase absoluto no final do período colonial e começo do imperial.

Voltando à afirmação anterior: após arrolar a ideia de sistema, polissistema e a tradução no polissistema, torna-se mais fácil entender o papel central das traduções dos romances acrílicos no Brasil. Com a finalidade de expressar o funcionamento dessas interseções, propomos o diagrama abaixo, que, embora não dê conta de todas as interfaces possíveis, demonstra aquilo que consideramos essencial para o escopo definido da análise:

Figura 1 – Polissistema brasileiro (1820-1860)



Fonte: autores (2023).

Na figura, representam-se alguns dos elementos fundamentais do polissistema nacional no momento delimitado, com cada esfera simbolizando um sistema em si, tão rico e plural como o da figura. Como se pode ver, há um centro e, do lado oposto, uma periferia. No centro, a literatura europeia traduzida, com enfoque na questão do romance histórico, é que se coloca como primária, junto ao sistema nacional, que busca imitar esse modelo forâneo. Nesse conjunto, citamos obras

<sup>15</sup> Nossa tradução: Seu propósito é explicitar a concepção de um sistema heterogêneo e dinâmico, em oposição à abordagem sincrônica [...] O conceito enfatiza a multiplicidade de interações e, portanto, a grande complexidade de estruturalidades envolvidas. (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 12).

como as de Honoré de Balzac (1799-1850), Stendhal (1783-1842), Flaubert (1821-1880) e, mais tardiamente, outros, que alimentaram a imaginação dos leitores de língua portuguesa no Brasil. Ainda no centro, estabelecendo vínculos com a literatura europeia e nacional, há a portuguesa, que, embora esteja incluída, não modelaria o cenário totalmente como se verifica no caso das obras de outras nações, tais como a francesa. Na periferia, encontram-se duas esferas contendo as inscrições literatura marginalizada A e B. Estas representam, por sua vez, as produções das vozes silenciadas ou ex-cêntricas (HUTCHEON, 1991), mas que são “ouvidas” e efabuladas em *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020).

*Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020) acha-se na parte exterior do polissistema. Duas razões assomam-se para esse fato. Inicialmente, pode-se trazer à baila a não absorção da literatura crítica hispano-americana tanto pelo centro quanto pela periferia: voltado para o modelo europeu, o público leitor do período isolou-se. Também há de se mencionar a questão de o romance anônimo não ter formado uma modalidade na perspectiva de Fleck (2017). Em outros termos, essas produções (representadas pelo primeiro romance histórico latino-americano), responsáveis por fissurar a tradição clássica, não lograram, “à época, angariar um grupo de escritas seguidoras que continuasse o projeto crítico de escrita e ficção que elas desenvolveram.” (BERNDT, DEL POZO GONZÁLEZ, FLECK, KLOCK, 2021, p. 432).

Como se pode verificar pelos entrecruzamentos e afastamentos firmados entre os sistemas na figura 1, o movimento de trocas culturais é, na prática tradutória, contínuo. Nesse sentido, “fatores culturais, linguísticos, ideológicos e econômicos” (AMORIM, 2005, p. 27) estarão envolvidos, possibilitando aquilo que Lefevere (1994, p. 11) chama de um “*process of negotiation between two cultures*”<sup>16</sup> [...], mas também de dominação e inserção de formatações alheias. Nesse mesmo sentido, em *Translation, rewriting, and the manipulation of literary frame* (1992b), Lefevere salienta o duplo papel desempenhado pela reescritura. Por um lado, pode ser inovadora e subversiva, pois “pode introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos mecanismos e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder modelador de uma cultura sobre outra” (p.vi). Por outro lado, pode ser repressiva e conservadora, ao manipular as obras para que se adaptem à poética ou à ideologia estabelecida. (RODRIGUES, 2000, p. 104).

Ao pensar de maneira crítica, chega-se à conclusão de que o ato de traduzir não pode ser ingênuo. O labor tradutório precisa ser feito ciente das implicações ao manipular os textos de outras culturas. Rodrigues (2000, p. 53) reforça essa ideia quando comenta que o tradutor não pode se dar ao luxo do desaviso, pois ele “tem o poder de trivializar e mesmo de excluir características culturais, na medida em que um texto pode ser apresentado seguindo as normas, os valores e as representações de uma língua considerada culturalmente dominante [...]” Existe, portanto, um compromisso ético no qual o tradutor terá a responsabilidade de manipular a carga ideológica do TF que deve explicitar/expor, adequadamente, no TT, ou negar-se a mostrá-la, como Baker (2011) sugere, pelas mesmas razões éticas pessoais. Em confluência, consideramos válida também a “tradução minorizante” (VENUTI, 2002), quer dizer, a prática de mostrar as diferenças culturais no TT, de modo a resistir às práticas que silenciam as vozes, a chamada “tradução domesticadora”.

Nesse sentido, nada do que foi dito anteriormente poderá levar-se a cabo integralmente se os tradutores não tiverem poder de decisão na hora de escolher a obra a ser traduzida. Isto nem sempre é possível, por conta do mercado, das diretrizes editoriais<sup>17</sup>, entre outros aspectos. Porém, quando estudos como o de Tymoczko (1999, p. 31), que observa que, atualmente, os pesquisadores da área da tradução estão mais atentos “às circunstâncias sob as quais os livros são escolhidos para tradução e quais traduções são publicadas”, deixa-nos mais satisfeitos. Estamos cientes do poder

<sup>16</sup> Nossa Tradução: processo de negociação entre duas culturas.

<sup>17</sup> Sugerimos a leitura da tese de Godoi (2014), na qual se relata sobre como as decisões tomadas pelo editor Francisco de Paula Brito permitiu impulsionar a literatura nacional, com a publicação de obras brasileiras, diante da concorrência de editoras que preferiam as traduções de obras francesas. Ver nas referências.

que temos dentro da academia. Como pesquisadores, que fazemos parte de um grupo de pesquisa ligado a uma faculdade de Letras, podemos nos dar ao luxo de fazer uma seleção de obras, sobretudo se estas são fundamentais e precisam ser divulgadas no nosso meio.

É aqui que a reflexão sobre ter um pensamento “outro” (QUIJANO, 2005) vem ao encontro da proposta feita pelo grupo de pesquisa RPA. Para conseguir desautomatizar os processos tradutórios comerciais e transformar essa atividade em crítica, o corpo docente e discente precisa pensar a partir de um outro lugar que não aquele do espaço institucional em suas condições atuais. Conforme nos mostra Palermo (2015), para pensar criticamente a partir dessa localidade distinta, faz-se necessário considerar algumas questões centrais:

*Por un lado, las externas al sistema, emergentes de la “crisis” producida por efecto de la globalización económica y de aquellos propios de universidades no metropolitanas dentro de esa misma crisis; por otro, las relativas a la concepción de una universidad que quiebre con el modelo hegemónico imperante desde su aparición en América Latina, con la que se valida una única forma de conocimiento, la propia de la ratio eurocentrada. Ello reclama generar, desde el comienzo, un análisis radical acerca de dónde, para qué y para quién del conocimiento que se imparte/ construye en ellas, como propone Edgardo Lander.<sup>18</sup> (PALERMO, 2015, p. 16-7).*

A autora contempla no trecho dois movimentos indispensáveis para refletir a respeito dos estudos que se propõe como um modelo outro, diferente, mas não excludente do projeto que modelou o conhecimento e a estrutura da universidade ocidental desde a fundação da ideia de América. Inicialmente, coloca-se em questão a importante reflexão sobre o estado atual em que nos encontramos: a crise desencadeada pela globalização econômica e a inserção de velhos/novos padrões de dominação de saberes. Não obstante, depois de considerar as circunstâncias, Palermo (2015) também incita seus leitores à ação, indicando a necessidade de um movimento de rompimento com a estrutura hegemônica responsável por formar um conhecimento centrado nos saberes de extração europeia. Nessa linha de raciocínio, ela alerta para a necessidade de ponderarmos sobre aquilo que é difundido.

Considerando essa predominância da episteme eurocêntrica na universidade ocidentalizada (GROSGOUEL; CASTRO GÓMEZ, 2007) da América Latina e a problemática da premência de pensarmos de onde enunciamos e com que objetivo, verificamos que a seleção de *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020) – uma obra esquecida pelos grupos tradutórios brasileiros – significa muito. Em primeiro lugar, trata-se de uma maneira de ressignificar a própria distribuição do trabalho científico: como aponta Mignolo (2020), a organização da produção acadêmica (planejada a partir dos centros do Norte) jogou, durante o século passado, com a noção de primeiro, segundo e terceiro mundo, segundo a qual “se [...] alguém vem [ou escreve a partir de] um país econômico e tecnologicamente subdesenvolvido, essa pessoa é vista como pouco brilhante” (MIGNOLO, 2020, p. 159) ou, ainda, incapaz de produzir qualquer pensamento teórico significativo. Isso porque, segundo essa visão limitante e baseada tão somente em uma concepção de conhecimento local, não havia em lugares como a América produção científica no século XIX. Entretanto, quando “narrativas literárias [como *Xicoténcatl*] são também consideradas teorias em si mesmas, a distinção entre a localização da produção teórica e cultural começa a desmoronar.” (MIGNOLO, 2020, p. 160).

Ao lançarmos luz sobre escritas de(s)coloniais como *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020), sobretudo por meio da sua disponibilização à língua portuguesa, e invertermos a regra de hierarquização do conhecimento ocidental (isto é, colocando no plano gnoseológico saberes

<sup>18</sup> Nossa Tradução: Por um lado, as externas ao sistema, emergentes da “crise produzida por conta da globalização econômica e daqueles próprios de universidades não metropolitanas dentro dessa crise; por outro lado, as relativas à concepção de uma universidade que rompa com o modelo hegemônico imperante desde a sua aparição na América Latina, com a que se valida uma única forma de conhecimento, a própria da razão eurocêntrica. Isso significa gerar, desde o começo, uma análise radical acerca do de onde, do para que, do por que e do para quem do conhecimento que se ensina/se constrói nelas, como propõe Edgardo Lander. (LANDER, 2015, p. 16-7).

outros), observamos que o esquema de três mundos pletschiano é revertido ou desmontado. Tal processo de reversão concretiza-se porque, conforme têm apontado estudos recentes do RPA, o romance histórico transita entre duas epistemes: literatura e história. E, ao optar pela opção de(s)colonial na sua construção literária, romances históricos como esse primeiro latino-americano inserem-se também no campo da descolonização epistemológica, promovendo outros tipos de desprendimento. Logo, por perfazer esse processo tanto no campo da literatura como no da história, surge o que Dorado Mendez e Fleck (2022) denominam como uma dupla descolonização epistemológica.

Assim, mais do que a transposição de uma obra de prazer, trata-se da tentativa de inserção de uma ferramenta crítica. Partindo de um prisma des/decolonial, argumentamos, então, que tal realocação para o português do relato recuperado pelo RPA é precisamente um dos meios pelos “quais ‘um outro pensamento’ poderia ser implementado, não para dizer a verdade em oposição às mentiras, mas para pensar de outra maneira, caminhar para ‘uma outra lógica’— em suma, para mudar os termos, e não apenas o contexto da conversação.” (MIGNOLO, 2020, p. 103).

## **PALAVRAS FINAIS**

Na seção “O romance histórico e a colonialidade”, abordamos aquilo que se tem denominado, nas pesquisas do grupo RPA, de modalidade clássica do romance histórico. Ao evidenciar algumas das estratégias adotadas por escritores que manusearam os ingredientes dessa receita, alegamos que a ideologia que atravessou as suas diegeses relacionaram-se, em grande medida, às construções que poderíamos denominar, a partir das leituras de Quijano (2005) e Mignolo (2003, 2020), coloniais. Fizemos menção aos projetos de Scott (1985, 1994) e Cooper (1856), que se utilizaram dessa fórmula para tonificar, discursivamente, programas nacionais, o britânico e o estadunidense, respectivamente.

Com base na exposição desses achados, avançamos para expor as confluências e divergências existentes entre o modelo supostamente consolidado por Scott (1985, 1994) e *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 2020). Na sequência de pesquisas anteriores, buscamos comprovar que a diegese da obra latino-americana aventa uma desconstrução escritural dos paradigmas scottianos, sobretudo pela alteração do posicionamento dos actantes e da inclusão de recursos narrativos distintos. Aludimos, igualmente, ao fato de sua rede de acontecimentos desarticular a forma pela qual a história tradicional da conquista foi contada, agregando tanto pontos de vista antes não registrados por vias híbridas de história e ficção quanto subversões das palavras dos colonizadores.

Na última etapa, resgatamos brevemente o cenário do nascimento do romance no polissistema brasileiro, para pensar acerca das razões de *Xicoténcatl* (ANÔNIMO, 1826) não ter sido traduzido naquele momento para o português no Brasil. Realçamos, no que concerne a esse ponto, que o projeto nacional, presente em obras como *O guarani* (ALENCAR, 1857), *Iracema* (ALENCAR, 1865) e *Ubirajara* (ALENCAR, 1874), vinculava-se mais assiduamente com os padrões de consumo de nações europeias ocidentais. Assim, demonstramos como enquanto na América hispânica procurava-se, ainda que de maneira isolada, dispensar o jugo colonial, no Brasil, apenas se consumia a produção romântica estrangeira.

Embasando-se nessa compreensão, dedicamo-nos mais especificamente à transposição da obra ao português na contemporaneidade e à sua potencialidade para a constituição de um pensamento outro, pluriversal (PALERMO, 2010). Promovendo agenciamentos com investigações dos grupos *Modernidad y Colonialidad* e RPA, concluímos que o trabalho empreendido, no âmbito universitário, tem a possibilidade de operar como um instrumento ou dispositivo de dupla descolonização epistemológica (DORADO MENDEZ; FLECK, 2022). Sob essa perspectiva, esperamos contribuir tanto com o abarcamento de obras antes desconhecidas pelo público quanto com a instrumentalização de alunos, professores e comunidade em geral com a bagagem não

somente histórico-ficcional, mas epistêmica, proporcionada por esse que foi o primeiro romance histórico latino-americano.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. de A. B. de. *El sexto sol de Malinalli*. 2014. 358 f. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- ALENCAR, J. de. *O guarani*. 20. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- ALENCAR, J. de. *Iracema*. 24. Ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ALENCAR, J. de. *Ubirajara*. Rio de Janeiro: Garnier, 1926.
- ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. Translating: a political act. In: ÁLVAREZ, R.; VIDAL, M. C. (Ed.). *Translation power subversion*. Philadelphia: Multilingual matters, 1996. p. 1-9.
- ANÓNIMO. *Xicotencatl*. Edición, estudio preliminar y notas de Gustavo Forero Quintero. Madrid: Vervuert, 2012
- ANÔNIMO. *Xicoténcatl: o primeiro romance histórico latino-americano*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020
- BAKER, M. *In other words*. A coursebook on translation. 2. ed. New York: Routledge, 2011
- BERNDT, J. A.; DEL POZO GONZÁLEZ, L. S.; FLECK, G. F.; KLOCK, A. M. Um breve percurso pelo romance histórico por meio da leitura de Ivanhoe (1819), Xicotécatl (1826), Mercedes of Castile (1840) e Crónica del Descubrimiento (1980). *REVELL*, v. 2, n. 29, 2021, p. 418-443. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8703669>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- BERNDT, J. A. *O Colombo que nasceu na América: figurações do self made man na literatura estadunidense – o romantismo de J. F. Cooper em Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay (1840)*. 2022. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2022a.
- BERNDT J. A.; FLECK, G. F. O romance histórico e a formação da identidade estadunidense: relações com a “Poética do ‘descobrimento’” - de Cooper (1840) a DuBois (1892). In DUBOIS, C. G. *Colombo e Beatriz*. Tradução e notas de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2022b. pp. 17-38.
- CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. Prólogo. In CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial: reflexiones para una universidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- COOPER, J. F. *Mercedes of Castile: or, the voyage to Cathay*. United States of America: Stringer and Townsend, 1856.
- DEKKER, G. *The American historical romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987

DEL POZO GONZÁLEZ, L. S. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826)*: [1999-2013]. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3452>. Acesso em: 19 jun. 2021

DORADO MÉNDEZ, H E; FLECK, G F. Projetos decoloniais na América Latina: o romance histórico latino-americano e a dupla descolonização epistemológica. *Nova Revista Amazônica*, vol. 10, n. 1, jun. 2022, pp. 125- 139. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/12763>. Acesso em: 17 mar. 2023.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. *Poetics Today*, v. 11, n. 1, 1990. Disponível em: [https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar\\_1990--Polysystem%20studies.pdf](https://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/Even-Zohar_1990--Polysystem%20studies.pdf). Acesso em: 05 jul. 2020.

FERNÁNDEZ DE LIZARDI, J. J. *El Periquillo Sarmiento*. Edição de Carmen Ruiz Barrionuevo. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2008

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstruccionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, G. F. Xicoténcatl (1826): Cenário de rupturas e enfrentamentos com os ditames europeus do século XIX na América Latina. In ANÔNIMO. *Xicoténcatl: o primeiro romance histórico latino-americano*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020. p. 33-46.

GRILLO, R. M. Tres novelas para la misma historia: el encuentro entre Cortés y Xicoténcatl. *América sin nombre*, v. 5, p. 83-93, 2004.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1991.

KLOCK, A. M. o romance histórico no contexto da nova narrativa latino- americana: veredas para a descolonização da história pela ficção. *Entreletras*, v. 12, n. 3, set./dez. 2021, p. 333-347. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/13409/19790>. Acesso em: 19 mar. 2023.

LANDER, E. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos. In: LANDER, Edgardo. (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

LEFEVERE, A. *Translating literature*. Practice and theory in a Comparative Literature contexto. Second printing. New York: The Modern Language Association of America, 1994.

LEZAMA LIMA, J. *La expresión americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

LUKÁCS, G. *O romance histórico*. Tradução Rubens Enderle; [apresentação Arlenice Almeida da Silva]. São Paulo: Boitempo, [1936-7] 2011.

MATA INDURÁIN, C. Retrospectiva sobre la evolución de la novela histórica. In: VÁRIOS. *La novela histórica: teoría y comentarios*. Barañáin: EUNSA, 1995. p. 13-63.

GODOI, R. C. de. *Um editor no Império: Francisco de Paula Brito (1809-1861)*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s. n.], 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/938000?guid=1679441316425&returnUrl=%2fr esultado%2flistar%3fguid%3d1679441316425%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro% 3d938000%23938000&i=1>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MIGNOLO, W. *Historias locales, diseños globales*. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Buenos Aires: Akal Ediciones, 2003.

MIGNOLO, W. Prefacio. In: PALERMO, Zulma (org.). *Des/decolonizar la universidad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Sino, 2015. p. 7-12.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MITCHELL, G. Teorizando la ilustración: Rosseau y Voltaire en Jicoténcal. *Literatura mexicana*. v. 23, n. 1, México. p. 07-30. ago. 2012. Disponível em: <http://encurtador.com.br/orOQ5>. Acesso em: 23 mar. 2016.

PALERMO, Z. Itinerario. In: PALERMO, Zulma (org.). *Des/decolonizar la universidad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Sino, 2015. p. 15-40.

PALERMO, Z. La Universidad Latinoamericana en la encrucijada decolonial. *Otros Logos, Revista de Estudios Críticos*, Universidad Nacional del Comahue - Facultad de Humanidades/Neuquén – Argentina, n.1, p. 43-69, dez./2010. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/otroslogos/Revistas/0001/Palermo.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2021.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROHDE, M. L. *Anita Garibaldi: de heroína à mulher – a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro*. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3468>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SCOTT, W. *Waverley*. London: Penguin, 1985.

SCOTT, W. *Ivanhoe*. London: Penguin, 1994.

SOMMER, D. *Foundational fictions: the national romance of Latin America*. Los Angeles: University of California Press, 1993.

STEVENS, A. H. *British historical fiction before Scott*. United States of America: Palgrave, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TROUCHE, A. *América: história e ficção*. Niterói: EdUff, 2006.

WALSH, C. Estudios (inter)culturales en clave de-colonial. *Tabula Rasa*. n. 12. Bogotá Jan./Jun. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1794-24892010000100013](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892010000100013). Acesso em: 15 mar. 2023.

WYLER, L. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.